

# LINGUASAGEM

## DISCURSO SOBRE O NORTE: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM TOCANTINENSE EM PAULO VIEIRA<sup>1</sup>

Damião Francisco BOUCHER<sup>2</sup>  
Thiago Barbosa SOARES<sup>3</sup>

**Resumo:** Analisamos neste artigo uma das várias redes de dizeres sobre o norte a qual reproduz a imagem que a mídia faz do nortista. Utilizando-nos do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso, verificamos seus possíveis efeitos e suas prováveis contribuições para a construção das formações imaginárias sobre o nortista, especificamente o sujeito tocantinense. Utilizamos como corpus os dizeres de Paulo Vieira, humorista tocantinense, de Antonio Tabet e de Fábio Porchat, humoristas cariocas, integrantes de canal no *YouTube* de grande circulação nacional e internacional, Porta dos Fundos. Os dizeres são veiculados no vídeo “Promovido” e na entrevista com Paulo Vieira denominada “Paulo Vieira – Que história É Essa, Porchat?”. Por fim, constatamos que, pelo apagamento, tais dizeres projetam o norte como o lugar da falta.

**Palavras-chave:** Sucesso; Silêncio; Discurso; Nortista; Tocantinense.

**Abstract:** In this article, we analyze one of the several networks of sayings about the north which reproduce the image that the media makes of the northerner. Using the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis, we verified its possible effects and its probable contributions to the construction of imaginary formations about

<sup>1</sup> Artigo derivado do projeto de pesquisa intitulado “O sucesso midiático como ponte para o sucesso político” sob o número de registro 3536 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFT.

<sup>2</sup> Graduação em Letras português/inglês pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2012), especialização em Análise do Discurso Político e Jurídico (2017) e especialização em Psicologia Junguiana, ambas pela Faculdade Unyleya do Rio de Janeiro. Mestrando no PPGLetras da UFT, campus de Porto Nacional. E-mail: [boucherplace@gmail.com](mailto:boucherplace@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí, em Psicologia pela Universidade Paulista (2014) e em Filosofia pela Universidade de Franca (2014), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). É membro pesquisador do Grupo de Estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (VOX-UFSCar) e professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. E-mail: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br)

the northerner, specifically the Tocantinian subject. We will use as corpus the words of Paulo Vieira, Antonio Tabet and Fábio Porchat, humorists from Tocantins and Rio de Janeiro, respectively, members of the YouTube channel of large national and international circulation, *Porta dos Fundos*. The sayings are shown in the video “*Promovido*” and in the interview with Paulo Vieira called “Paulo Vieira – *Que História É Essa, Porchat?*”. Finally, in the considerations, we measure and reflect the trajectory covered here.

**Keywords:** Success; Silence; Discourse; Northern; Tocantinense.

### Considerações iniciais

É informação comum que o Brasil, como país de proporções continentais, carrega consigo uma riqueza cultural imensa, as peculiaridades brasileiras perpassadas pelo âmbito sociopolítico, socioambiental, pela culinária e por outras esferas fazem dessa nação um grande armazém de convergências e divergência ideológicas. No campo geopolítico, observamos diversas formações discursivas que trabalham na manutenção de formações imaginárias as quais delineiam e a intelectualidade a partir de projeções, de relações de força e da construção de assimetrias regionais, sobretudo aquelas, através do discurso sobre o norte, nas quais posicionam as regiões nortistas em um lugar de falta e de atraso intelectual, apagando, por conseguinte, seus aspectos de formação identitária de sujeitos e de espaços.

Diante dessa perspectiva, o que propomos neste artigo é fazer uma análise de uma dessas várias redes de dizeres sobre o norte que reproduzem a imagem que a mídia sulista faz do nortista. Ao termos no horizonte imediato o uso do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso, bem como as concepções de sucesso (SOARES, 2016, 2017, 2018,) e de silêncio (ORLANDI, 2007), propomos analisar os discursos sobre o norte, seus possíveis efeitos e suas prováveis contribuições para a construção das formações imaginárias sobre o nortista, especificamente o sujeito tocantinense. Para tal investigação, utilizamos como corpus os dizeres de Paulo Vieira, humorista tocantinense, de Antonio Tabet e de Fábio Porchat, humoristas cariocas, integrantes do canal no YouTube de grande circulação nacional e internacional, *Porta dos Fundos*.

Os dizeres são veiculados pelo vídeo “*Promovido*”, publicado em 28 de março de 2016 e pela entrevista com Paulo Vieira denominada “Paulo Vieira – *Que história É Essa, Porchat?*” ambos exibidos pelo canal GNT em 3 de outubro de 2019, entre outros, nos quais a imagem construída é representativa dos costumes nortistas, especificamente

do sujeito tocantinense. É importante salientar a natureza heterogênea do corpus a ser investigado, bem como sua pertinência e seus prováveis pontos de encontro. Em suma, compreendemos uma esquete e uma entrevista que se aproximam pela representação teatral de caráter humorístico e que se distanciam por seus gêneros discursivos (BAKHTIN, 2011).

Na esquete, os dizeres são discursivizados por meio de sujeitos-personagens historicamente representados que os atores são pontualmente selecionados para atuar na esquete, pois não são escolhas aleatórias, uma vez que estes carregam em seus discursos traços de sua formação discursiva (e de sua regionalidade). Portanto, temos o discurso sobre o norte funcionando através de sujeitos e de representação teatral que simula as condições específicas de produção. Na entrevista, “o véu dos personagens”, isto é, o efeito de representação artística é desvelado, substituindo o personagem-sujeito pelo sujeito historicamente marcado. Nessa representação, a configuração se dá em forma de entrevista, enfatizando, dessa forma, os efeitos de veracidade cujo um dos traços é o pagamento da teatralidade.

Portanto, através do empreendimento da análise dos dizeres veiculados pelos dois vídeos em questão, miramos a demonstração do funcionamento dessa “cadeia discursiva” (SOARES, 2018b, p. 116) ou formação discursiva e como tais efeitos trabalham no apagamento do Estado do Tocantins e, conseqüentemente, na manutenção das projeções que colocam o norte em uma relação assimétrica com o sul do Brasil. De igual forma, analisamos as construções identitárias dos sujeitos e de seu lugar de origem e como elas são sustentadas por pré-construídos que emergem de outros acontecimentos discursivos e que atualizam seus sentidos no campo da formulação através da interlocução (FOUCAULT, 2014).

Por ponderarmos que tal exame ainda não foi proposto e avaliando da mesma maneira a relevância de compreender com acuidade o discurso sobre o norte, e como os sentidos engendrados nessa enunciação específica podem afetar sujeitos e a própria história (ORLANDI, 2015) na relação do que foi e do que se está sendo atualizado como sentido, torna-se indispensável analisar o discurso sobre o norte à luz de uma metodologia que lhe considera a partir de um arcabouço teórico a dinâmica descritiva-interpretativa, assim como o movimento interdiscursivo e intradiscursivo, para que tais deslizamentos semânticos, pressupostos e subentendidos (DUCROT, 1987) possam ser compreendidos de maneira efetiva.

Em vista disso, a fim de analisar o processo pelo qual duas esquetes constituem integrantes do discurso sobre o norte, este artigo tem seu empreendimento organizado da seguinte forma: em um primeiro momento, apresentamos as **Considerações teóricas** nas quais descrevemos o aparato conceitual da Análise do Discurso em que nos amparamos para desenvolver nossa investigação. Em um segundo momento, em **Análise: duas esquetes para a imagem do tocantinense** desenvolvemos a aplicação dos procedimentos da descrição e interpretação dos efeitos de sentido presente no corpus selecionado e, posteriormente, nas **Considerações finais**, apreciamos, avaliamos e pesamos a trajetória aqui percorrida. Feita a descrição dos elementos constituintes deste artigo, então, passamos ao próximo tópico.

### **Considerações teóricas**

Antes de sopesar o discurso sobre o norte brasileiro como uma cadeia de dizeres que trabalha na manutenção das relações de força e da continuidade de uma projeção dispar entre sujeitos sulistas e nortistas, e também considerar o seu lugar de funcionamento, inicialmente, torna-se necessária a compreensão de que dada cadeia discursiva não trabalha somente no sistema linguístico, visto como um aparelho autônomo. Antes disso, podemos compreender que tais discursos, como o próprio objeto da Análise do Discurso (doravante AD) é “efeito de sentidos entre os pontos A e B.” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Logo, o discurso não é dependente do sistema linguístico, mas “trabalha” no entremeio da estrutura, do acontecimento e da formação dos sujeitos (PÊCHEUX, 2015).

Por trabalhar no entremeio, a dinâmica discursiva mobiliza funcionamentos que são incompreensíveis somente pela visão linguística-estrutural a qual acarreta uma concepção teórica de comunicação, idealizada segundo um circuito fechado que toma a interlocução como objetiva e transparente, desconsiderando, nesse sentido as condições de produção de determinados discursos (ORLANDI, 2015). Isto é, devemos levar em consideração os diversos caminhos pelos quais podemos percorrer para descrevermos e interpretarmos o discurso, como, por exemplo, considerar que os efeitos de sentidos estabilizam e deslocam as bases de significado das palavras e dos enunciados. É nesse movimento que o silêncio preenche sentidos e, portanto, é necessário relativizar a autonomia da língua por meio de um batimento de uma descrição acurada e de uma interpretação a qual leve em conta elementos extralinguísticos como condições essenciais de produção de sentidos (SOARES, 2018b). Dessa forma, a visão teórico-

metodológica da AD possui o propósito de compreender e ponderar não o que, mas como seu objeto (o discurso) produz e reproduz sentidos no trabalho de formação de subjetividades discursivizadas e de sua manutenção.

Ao sopesar a lógica funcional dos discursos, sobretudo o discurso sobre o norte, compreendemos que as relações entre mecanismos continuam a exercer certos funcionamentos que se mantêm e que são necessários entre si. Compreendemos, por conseguinte que os elementos exercem manutenções necessárias reciprocamente, tornando-os mutuamente funcionais. Esse funcionamento pode ser mais bem entendido por meio das palavras de Pêcheux e Fuchs (1997, p. 167) ao afirmar que: “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” e este sujeito funciona/trabalha na produção e difusão de sentidos pela língua.

Por isso, compreendemos que os discursos são efeitos de sentidos trabalhando através da materialidade linguística que se dá pela interação entre sujeitos (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 167). Consequentemente, sendo efeitos de sentido entre sujeitos, consideramos que a língua também funciona por meio de uma trabalho simbólico, enquanto “parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (ORLANDI, 2015 p. 13). Assim, ao considerarmos diferentes efeitos de sentido, como os discursos de sucesso, de autoajuda (SOARES, 2016, 2017, 2018), bem como as noções de silêncio (ORLANDI, 2007), constatamos que a comunicação ultrapassa o linguístico, sopesando também as condições de produção dessas enunciações, assim como as diferenças entre Formações Discursivas (doravante FD) as quais delimitam aquilo que sujeitos em interlocução podem e devem enunciar na circunstancialidade dos processos discursivos (PÊCHEUX, 1997, p. 77). Nelas, sempre há inserções ideológicas das quais podemos distinguir posições de mando, de tomada de fala e de decisões, assim como a divisão de classes (ALTHUSSER, 1980). Esses regimes trabalham na língua através de processamentos metafóricos, parafrásticos, polissêmicos e mecanismos de antecipação, por meio dos quais os sujeitos constroem a imagem de si e dos outros em um complexo entrecruzamento de projeções, das relações de força e das relações de sentidos existentes no interior de dada organização social (PÊCHEUX, 1997).

Quanto a outros discursos, como os de sucesso, Boucher e Soares (2020) destacam que:

O engendramento dos efeitos de sucesso tem se tornado comum nos discursos midiáticos por fazerem parte daquilo que Adorno e Horkheimer (1947, p. 62) sintetizam como o sustentáculo de um imaginário social, como um mito indissociável da relação de força e

da busca pelo poder. Em outros termos, “assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos” (ADORNO & HORKHEIMER, 1947, p. 62). Ou seja, percebemos que as condições de constituição dos discursos midiáticos funcionam de acordo com certos fatores, com o intuito de estabelecerem legitimação e dominância através das modalizações do poder-dizer, do poder-ser, poder-fazer e do poder-apagar (BOUCHER e SOARES, 2020, p. 126).

Tais modalizações funcionam mutuamente na manutenção dos discursos entrecruzando sucesso, silêncio e outros mecanismos que são considerados pela AD como fulcrais para o entendimento do funcionamento dos discursos. A relação de sentido, por exemplo, estabelece uma relação indissociável com outros discursos, por isso “não há discurso que não se relacione com outro” (ORLANDI, 2015, p. 37). Como dissemos acima, a antecipação possibilita ao sujeito se colocar na posição do outro “a fim de poder dizer de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir” (ORLANDI, 2015, p. 37). Já a relação de força, representa o lugar a partir de qual fala o sujeito e que contribui para a constituição do que pode ser dito (ORLANDI, 2015). Em outras palavras, ela é a força discursiva na qual a tomada de fala é regulada, bem como aquilo que espera ser dito por dado sujeito. Também podemos falar das projeções sociais, isto é, as formações imaginárias que promovem a produção da imagem do sujeito, “da imagem de sucesso ou do fracasso, da posição discursiva que permite A dizer sobre B de modo a convencer a opinião pública” (BOUCHER e SOARES, 2020, p. 126). Sobretudo no que diz respeito à manutenção de uma assimetria regional em que determinados estados da federação brasileira são constituídos em dados discursos como o estado do atraso, da exceção intelectual e cultural, sendo apagados ou mesmo interditados (FOUCAULT, 2014), seus aspectos identitários, enquanto outros são exaltados e colocados em posição de prestígio e de autoridade.

Em relação à interdição dos sentidos, o silêncio constitutivo se dá pela instância sócio-histórica e se encontra em algumas modalizações, como por exemplo, a do poder-dizer e a do poder-apagar, representadas pela interdição que, segundo Foucault (2014, p. 9), é “a forma mais evidente da exclusão”. De outro lado, o silêncio funciona como um tampão para a interdição. Segundo a concepção de silêncio constitutivo, Orlandi (2007) assevera que:

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer

produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz “x” para não (deixar) dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos (ORLANDI, 2007, p. 73).

Dessa maneira, percebemos o silêncio constitutivo como gerador de apagamento de sujeitos e de sentidos na construção enunciativa. Sobretudo nos discursos sobre determinadas regiões, o silêncio constitutivo trabalha pelo apagamento econômico e cultural e pelo preenchimento de silêncio nas manifestações discursivas de caráter humorístico que projetam determinada região, dada sociedade como pré-histórica, colonial, bem como a terra do atraso e do retrocesso intelectual.

Nesse diapasão, podemos afirmar que a análise do corpus dá-se por meio da descrição e da interpretação de pré-construídos, ou seja, “o efeito subjetivo de anterioridade” (HENRY, 1990, p. 61). Melhor dizendo, designam “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado” (PÊCHEUX, 2014, p. 89). Além da consideração daquilo que se repete e se atualiza nos enunciados, também observamos o retorno dos já-ditos, das memórias discursivas e conseqüentemente suas formulações pela dinâmica inter e intradiscursiva. Ademais, Courtine (2014, p.73), destaca que “dada FD não é dissociável do estudo da determinação desse processo discursivo por seu interdiscurso”. Isto é, os já-ditos, fragmentados dos sujeitos pelos esquecimentos de cunho enunciativo e da própria instância do inconsciente (PÊCHEUX, 1997), faz emergir sentidos pré-existentes, atualizando a base significativa dos enunciados pelo intradiscurso, o campo da formulação. Por isso, podemos observar e identificar, dentro do batimento, determinadas formações ideológicas “em razão, por exemplo, de sua especialização” (COURTINE, 2014, p. 73).

Tal movimento descritivo-interpretativo também considera o funcionamento de dois processos imprescindíveis, a saber, os processamentos parafrástico e polissêmico. Quanto ao primeiro e sua relação com o segundo, “de fato, é possível considerar sinonímias contextuais entre dois grupos de termos ou expressões as quais produzem o mesmo efeito de sentido em relação a um contexto dado” (PÊCHEUX, 1997, p. 94). Isto é, mesmo nos elementos tácitos que envolvem a relação chefe-subordinado, por exemplo, os efeitos de metáforas se relacionam por ancoragem semântica em um contínuo processo de estabilização (paráfrase) e de deslocamento (polissemia)

(ORLANDI, 2015), permitindo que as significações deslizem de uma região à outra ou se estabilizem em determinada região de sentidos a depender das posições discursivas e das intenções enunciativas de cada sujeito.

### **Análise: duas representações para a imagem do tocaninense**

Abaixo, observamos, a imagem e o diálogo das materialidades a serem analisadas, os dizeres reproduzidos por cada sujeito, organizado em tomadas de fala, fielmente dispostas como no vídeo. A análise está organizada de modo a reproduzir o mesmo movimento discursivo que os vídeos apresentam. Para uma maior didatização, faremos primeiramente um movimento descritivo-interpretativo observando: a) as relações de sentidos existentes; b) as relações de força diante de cada formação discursiva; c) a interligação enunciativa com a historicidade; d) os processamentos parafrástico e polissêmico na construção da ironia, do sarcasmo e do humor; e) os pré-construídos na construção metafórica do sujeito emigrante e na produção da identidade de Paulo Vieira, bem como no apagamento de aspectos regionais e; f) o funcionamento da rede de sentidos que projeta a imagem do norte brasileiro, promovendo a consolidação/manutenção de certas formações imaginárias que sustentam a imagem do Tocantins e do povo tocaninense.

#### **Promovido**



**Figura 1** - Imagens do vídeo “Promovido”, do canal do *YouTube* Porta dos Fundos<sup>4</sup>

Chefe: — Pronto!

Maurício: — O senhor mandou me chamar, o senhor está precisando de alguma coisa?

Chefe: — Mandei, Maurício, eh... Eu tenho uma boa notícia para você.

Maurício: — ãh?

Chefe: — Você vai ser promovido.

Maurício: — Mentira!

<sup>4</sup> Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_4ycjntefE](https://www.youtube.com/watch?v=_4ycjntefE)

Chefe: — Verdade. Cê é um cara que sempre entregou tudo que eu te pedi, você é um funcionário exemplar, chega na hora. Esse dia ia chegar, Maurício.

Maurício: — Poxa! Muito obrigado pelo reconhecimento, chefe! Sei nem o que dizer aqui!

Chefe: — Não precisa falar nada, Cê já começa no teu novo cargo amanhã.

Maurício: — Tá... o que o senhor colocar pra fazer eu faço. Eu nem sabia que estava precisando de gente lá em cima. Quê que é o cargo?

Chefe: — Você vai ser consultor externo.

Maurício: — Bom! O senhor desculpa a ignorância... Faz o que esse consultor?

Chefe: — O seu trabalho vai ser basicamente ficar fora da empresa, para sempre, no caso. É um caso de muita responsabilidade, você não vai precisar nem voltar aqui mais.

Maurício: — Entendi. E a minha função vai ser exatamente o que, como consultor?

Chefe: — Bom, a sua função vai ser basicamente ficar fora da empresa mesmo. Tá? Porque aí você vai ter a visão de quem está fora da empresa. Entendeu. Você vai avaliar o negócio de outra perspectiva.

Maurício: — Tá. Aí eu mando relatório avisando né, pontuando essas,... Essas questões

Chefe: — hum, não... Porque aí se você ficar mandando relatório pra cá, vai parecer que você trabalha na empresa.

Maurício: — É...

Chefe: — Aliás, é importante que você não mande nada pra cá, que você corte qualquer tipo de contato com qualquer pessoa de dentro da empresa e mais... Que você nem diga que trabalha aqui nessa empresa. Isso é parte fundamental dessa sua nova função.

Maurício: — Ah! Vai demorar muito ainda pra cair a ficha aqui. Hoje... Hoje eu não durmo.

Chefe: — É né? Oh..., mas isso ainda não é a única coisa boa disso não. Tem mais coisa boa por aí, né?

Maurício: — É não!

Chefe: — É sim.

Maurício: — Não!

Chefe: — Adivinha, Maurício...

Maurício: — Senhor não vai me falar que eu vou ter um aumento não.

Chefe: — Você vai ter um aumento.

Maurício: — Meu Deus!

Chefe: — Você vai ter acesso ao teu FGTS integral, seis meses de seguro-desemprego e sua rescisão. Maurício... Não é para todo mundo que eu faço isso não, viu?

Maurício: — Mas, chefe é muito dinheiro... Pelo amor... Nem precisava disso tudo.

Chefe: — E o melhor é que você recebe tudo isso de uma vez só... assim oh... Ba!

Maurício: — Eu... Eu prometo que não vou decepcionar o senhor.

Chefe: — Eh... o melhor disso tudo, Maurício é que agora cê vai ter o horário mais flexível, cê vai poder até arrumar um... uma outra coisa para fazer no teu horário livre. Tem muito consultor externo aí que de manhã é atendente do Bob's e... e de tarde vende calça na Taco. O cara chega triplicar o rendimento dele.

Maurício: — Nossa, meu De... Eu nem mereço isso tudo que o senhor tá fazendo por mim.

Chefe: — Maurício, eu gosto tanto de você... Você não vai começar amanhã não. Cê vai começar hoje.

Maurício: — Ah, gente!...

Chefe: — Aqui oh... Já tomei a liberdade de oh... Nem da pista pra ninguém... Já quebrei teu crachá. Juntei tuas coisas, coloquei aqui nessa caixa... Vai pra casa. Vai comemorar!

Maurício: — Gente, que carinho! Pelo amor de Deus!

Chefe: — Oh...

Maurício: — Não... Foi... Então foi o senhor que tirou... Que eu passei lá...

Chefe: — É

Maurício: — Não tinha nada na mesa... Gente... Pelo amor de Deus! Vou nem falar que eu... Eu sou chorão... Olha... Muito obrigado oh, chefe.

Chefe: — Oh ops... Chefe não. A partir de agora cê vai me chamar de Antônio.

Maurício: — Pelo amor de Deus, cê vai ser...

Chefe: — Ops, Antônio.

Maurício: — Não.

Chefe: — Fala Antônio.

Maurício: — Antônio.

Chefe: — Isso. E tem mais... Cê não vai sair daqui sem se despedir não

Maurício: — Eu vou despedir dos meninos lá...

Chefe: — É... Pera aí rapidinha... Solange, consegue dois seguranças para levar o Maurício até a porta.

Vinheta de finalização do Porta dos Fundos

Homem na rua: — Olha ele aí, oh! E aí?

Maurício: — ... Fui promovido também! (sorrisos mútuos)

Homem na rua: — Você é bom... Sempre falei isso.

Maurício: — Pôoooo!

Homem na rua: — Vou te falar... Agora tu vai ganhar a liberdade pra trabalhar aqui de verdade.

Maurício: — Agora estou aqui com você, cara!

Homem na rua: — Aqui que tem dinheiro circulando! Te falar... Sexta-feira, Mesquita, sábado peguei auxiliar de ajudante de auxiliar de pedreiro em Nova Iguaçu... A gente pode ir pra lá e essa área... direita toda aqui é minha. Tô cobrando de dois a quatro pra ficar por aqui

Maurício: — Eu...Eu ... Eu vou focar em emagrecer, vou...

Homem na rua: — Foca, aqui...

Maurício: — Cê era gordo também, né?

Homem na rua: — Eu tava pesando 94 lá, pô.

Maurício: — Tava 94.

Homem na rua: — Agora 52.

Maurício: — Tem quanto tempo cê que saiu? Tem o quê... Três meses?

Homem na rua: — Tem três meses que eu saí.

Maurício: — Três meses... Cara!

Homem na rua: — E aqui é maravilhoso, minha comida eu deixo aqui na estufa.

Maurício: — Pera aí, minha mãe ligando. Pera aí, pera aí. Oi...

Homem na rua: — Isso aí!

Maurício: — Mãe... Teu filho venceu, mãe.

Como observamos no diálogo acima e, seguindo a premissa de que “não há discurso que não se relacione com outros” (ORLANDI, 2015, p. 37), os dizeres que constituem a esquete em análise resultam de relações trabalhistas em que sujeitos estabelecem suas posições hierárquicas através daquilo que pode e deve ser dito em cada posição ocupada (PÊCHEUX, 1997). Vemos esta relação, logo no início do diálogo, sendo estabelecida pelo verbo “mandar” e pelo sintagma nominal “senhor” na fala de Maurício (personagem interpretado por Paulo Vieira), “O **senhor** mandou me chamar, o **senhor** está precisando de alguma coisa?”. Nas condições sociais de produção representada pela esquete, esses dois termos marcam a relação de força entre os sujeitos, porquanto o lugar a partir do qual Maurício expressa-se compõe a rede de sentidos que ele deve e pode colocar em funcionamento (ORLANDI, 2015), instituindo dessa maneira a relação subordinado-autoridade.

Ademais, Maurício fala do lugar de funcionário da empresa para seu chefe que ratifica essa relação de força quando confirma a pergunta retórica de Maurício com o verbo equivalente ao seu lugar no mundo, ou seja, o lugar de mando, de chefe, de patrão: “**Mandei**, Maurício”. Tal relação de força é sustentada por todo diálogo como podemos observar nos recortes “Você vai ser promovido...”, “Já tomei a liberdade de...” “Já quebrei teu crachá”. “Juntei tuas coisas, coloquei aqui nessa caixa...” e “Vai pra casa. Vai comemorar!”. Todos os trechos mencionados pressupõem comando, denotam um “poder-fazer”. Analisando ainda o âmbito enunciativo, em “Você vai ser promovido”, podemos pressupor que ele estava em um cargo inferior para ser levado à condição de sujeito promovido. Paralelamente a isso, subentende-se no mundo corporativo que o sujeito investido da prerrogativa de promover alguém, está em maior hierarquia empresarial. Os mesmos sentidos que estabelecem essa assimetria entre Maurício aparecem no sintagma verbal “tomei a liberdade” e no verbo “quebrar”. Esses dois sintagmas denotam a força que o lugar de patrão exerce sobre o funcionário Maurício ao ponto de ter a liberdade de entrar em sua sala, o direito, a autoridade e a potência (CHARAUDEAU, 2016) de vasculhar e “juntar suas coisas” e colocar em uma caixa. Também aparecem, através do verbo “ir” no imperativo, os sentidos de comando, de força, porque, no campo administrativo, não são todos os membros de uma empresa que têm o benefício de mandar um funcionário ir para casa.

Diante da breve descrição das relações de forças estabelecidas entre os dois sujeitos, bem como o apontamento da relação de sentido entre o discurso produzido na esquete e outros discursos, esses “outros dizeres” estabelecem relações entre FDs diferentes, delimitando e permitindo a tomada de fala de cada sujeito envolvido na interlocução, através da construção dos discursos corporativos que estão inseridos na historicidade. Segundo esta noção, Soares (2018b, p. 117) destaca que “É na historicidade que os mecanismos de construção do discurso ganham sentido, como é o caso das formações discursivas, um dos conceitos capitais da Análise do Discurso”. E por essa historicidade, as memórias e os já-ditos que permeiam a relação empregado-empregador é que podemos compreender a posição e autorização do chefe para comandar e de Maurício para obedecer. Valemo-nos igualmente das noções dos processamentos parafrástico e polissêmico com a finalidade de deprendermos que não se trata de uma simples promoção designada pelo sujeito-chefe, mas há engendradas, na produção enunciativa desse sujeito, outras intenções. Mesmo compreendendo que em todo enunciado existe o dizível e a memória que se mantêm e que, portanto, estabilizam os sentidos mesmo com diferentes formulações, há ainda a ruptura, o deslocamento que promove o jogo da duplicidade, “do equívoco” (ORLANDI, 2015, p. 34).

Dessas ponderações, inicialmente no diálogo entre os interlocutores, verificamos, que o jogo da duplicidade parte da posição de mando do chefe que busca eufemizar a ordem de demissão e que por tal jogo, coloca Maurício na posição de um sujeito ignorante. As imagens dos rostos do chefe e de Maurício pela referencialidade da figura 1 reforçam essa assimetria intelectual ao projetar Maurício como inábil e o chefe como o intelectual arguto. Podemos observar que os sentidos nos dizeres “Eu tenho uma boa notícia para você” anularia qualquer possibilidade de uma notícia ruim. Reforçado também pela expressão “Você vai ser promovido”, o sintagma nominal “boa notícia” marca o discurso da autoestima, o engendramento de sentidos do sucesso e de autoajuda, porquanto a extensão e a abrangência desses dizeres “de bem estar” “excedem o campo do sucesso, chegando a praticamente todos os domínios socioeconômicos e psicoafetivos” (SOARES, 2018a, p. 170) em que até as notícias ruins devem ser encaradas como algo positivo. Logo, percebemos que os recursos linguísticos utilizados pelo chefe trabalham para a eufemização dos sentidos que envolvem o ritual de uma demissão. Se o nome de uma obra pode afetar sua leitura dando um traçado interpretativo para o sujeito (SOARES, 2018a), a rede de dizeres eufemizados pelos sentidos do sucesso na fala do chefe, “boas notícias”, “você vai ser

promovido”, “você vai ter aumento”, “você vai ter acesso...”, etc., segue a mesma premissa, pois tais sentidos apagam as possíveis negatividades provenientes do conjunto de dizeres de um ritual demissional (ORLANDI, 2007).

Esse ritual de exoneração de cargo pode ser sumarizado quando percebemos a duplicidade semântica nos dizeres do chefe que tem a intenção de manter Maurício fora da empresa. Os efeitos de sucesso que silenciam outras regiões de sentidos, como é o caso da área significativa da demissão, estão engendrados nos recortes “Você vai ser **consultor externo**”, “O seu trabalho vai ser basicamente **ficar fora da empresa, para sempre, no caso.**”, “...você não vai precisar **nem voltar aqui mais**”, “Bom, a sua função vai ser basicamente **ficar fora da empresa mesmo**”. No movimento polissêmico dessas expressões, encontramos o sentido da demissão eufemizado, destacado sobretudo pelo sintagma “consultor externo”, isto é, um consultor que dá parecer baseado em sua especialidade fora da empresa, mas com vínculo empregatício. No entanto, quando analisamos essa produção de sentidos interligados subsequentemente ao outro recorte, como, por exemplo, “ficar fora da empresa, para sempre, no caso”, desloca-se o sentido de “consultor externo”, e conseqüentemente de uma suposta promoção, para alguém que não vai mais prestar serviços para a empresa em questão. O reforço a esses sentidos também perpassa pelos enunciados “nem voltar aqui mais” (uma trajetória só de ida) e “ficar fora da empresa mesmo” (não fazer mais parte do quadro de funcionário). Em outras palavras, fica pressuposto a intenção do chefe em tirar Maurício da empresa.

Esse jogo de equívocos, de duplicidade entre os sentidos de benefícios e de malefícios, para Maurício, é posto em funcionamento em outros trechos do diálogo, como por exemplo, “Porque aí você vai ter a visão de quem está fora da empresa. Entendeu. Você vai avaliar o negócio de outra perspectiva”. Nessa oração, observando os efeitos enunciativos, temos os sentidos objetivos de que Maurício passa a uma função de observar o funcionamento e a saúde financeira da empresa com uma visão mais ampla, pois ele está de fora, observando como “parte fundamental de sua nova função”. Por outro lado, o jogo simbólico do ritual demissional, aponta sua nova função como “sujeito desempregado” e, logo, desloca os sentidos do sintagma “fora da empresa” e da oração “você vai avaliar o negócio de outra perspectiva”. O primeiro e o segundo trecho, mais uma vez, reforçam a intenção do patrão em demiti-lo, todavia, no último recorte os sentidos de “negócio” e de “outra perspectiva”, dotados da significação positiva, são “esvaziados significativamente” para serem preenchidos por

uma região de sentido negativo. Isto é, “o negócio” não significa de fato negócio, comércio, mas deriva para “situação de desemprego”. Já o sintagma “outra perspectiva”, desliza-se de visão privilegiada para “visão de um desempregado”.

Esses jogos de deslizamentos continuam quando o chefe de Maurício joga com o fato da rescisão ser algo benéfico, positivo, inoculando sentidos positivos nos enunciados “mas isso ainda não é a única coisa boa disso não” e em “Tem mais coisa boa por aí, né?”. Podemos observar o jogo irônico (e conseqüentemente a constituição de uma assimetria intelectual entre interlocutores) empregado nos dois enunciados quando interligados seus sentidos às orações subseqüentes “Você vai ter acesso ao teu FGTS integral, seis meses de seguro-desemprego e sua rescisão. Maurício... Não é para todo mundo que eu faço isso não, viu?”. Primeiramente, se considerarmos o fato do FGTS poder ser liberado através de algumas modalidades como saque aniversário, saque moradia para amortização de empreendimento habitacional, e saque rescisão, por exemplo, compreendemos que ter acesso integral ao FGTS nessas condições de produção, leva-nos a pressupor uma demissão. Sobretudo quando interligamos essa ideia aos sentidos dos sintagmas “seguro desemprego”, em que o sujeito só pode ser assegurado por estar desempregado e “sua rescisão” que causa o efeito de quebra de contrato, revogação de um direito ou um cargo empregatício. Desse ponto, fica explícita a decisão do patrão de despedir Maurício, bem como a constituição da imagem de si e do outro, através de uma relação intelectual assimétrica na qual o chefe, dotado de habilidade linguístico-discursiva consegue convencer o subordinado ignorante e incapaz de raciocinar logicamente de que está assumindo um outro cargo por vias de promoção meritocrática. Na constituição da historicidade, quem é o chefe? Quem é o subordinado? No campo discursivo, essas relações de mando e de subordinação colocam um carioca (Antonio Tabet) na posição de chefe e Maurício como o seu subordinado, interpretado por um tocantinense, Paulo Vieira. Como menciona Orlandi (2015), não há neutralidade nas discursividades projetadas nos enunciados que fazem parte das formações sociais e, conseqüentemente, das formações imaginárias que cada sujeito externaliza em seus dizeres, tampouco há neutralidade nas escolhas de papéis interpretados por atores.

Ademais, os sentidos irônicos se reforçam na expressão “Maurício... Não é para todo mundo que eu faço isso não, viu?”, pois o chefe joga mais uma vez com os sentidos de positividade tentando engendrar os sentidos de sucesso “na nova função de grande relevância de Maurício”, como se ele fosse um sujeito privilegiado e que chegou em uma posição em que outras pessoas não têm o mesmo benefício de ocupar. No

entanto, como compreendemos, o chefe não demite qualquer pessoa e as pessoas com vínculos empregatícios realmente não têm o direito de receber o FGTS integral, mais seguro desemprego, bem como multa por rescisão, e, considerando também essa outra região de sentido, conseguimos, através do processamento parafrástico perceber a ironia pressuposta no enunciado “Não é para todo mundo que eu faço isso não, viu?”: “porque nem todas as pessoas estão sendo demitidas como você está agora”.

Como já mencionado, esses sentidos irônicos unidos às respostas de Maurício denotam uma assimetria intelectual, bem como um distanciamento cultural através da imagem que o sujeito chefe faz do sujeito Maurício e conseqüentemente de si. Essas projeções no campo social marcam os preconceitos linguístico, financeiro, educacional e, sobretudo regional, engendrados nas formações imaginárias brasileiras, pois “As formações imaginárias, segundo as quais Pêcheux conceituou em 1969, dizem respeito ao lugar ocupado por A e B cuja representação no discurso se dá por antecipações implicadas na cadeia discursiva” (SOARES, 2018b, p. 116). Ao considerarmos a cadeia discursiva difundida pela mídia brasileira, especificamente a rede de sentidos que envolvem as relações de classe das cinco regiões do Brasil, percebemos que essas projeções dos lugares de mando (carioca) e de obediência (tocantinense) estão em constante manutenção pelas produções midiáticas que trazem o sul e o sudeste como lugares de mando, o espaço “natural” da produção intelectual do país, o ambiente-referência e espelho cultural para as demais regiões.

Conseqüentemente, com a imagem que essas produções humorísticas projetam, (des)construindo o outro, acabam por colocar as outras regiões no lugar da obediência, do espaço da exceção cultural e de atividade intelectual retrógrada. Por conseguinte, essa cadeia discursiva que é atravessada pelo discurso do sucesso e pelo discurso supremacista, entrecruza-se também ao discurso nortista de cume emergente e se torna tão forte ao ponto de ser tomada como “condição natural incondicional” tendo a região norte brasileira como o lugar dos emergentes, daqueles que são exceção por estarem no espaço “do pouco prestígio”, na “dimensão da cultura emergente”, porquanto não só é alimentada, introjetada pela região sul do país, como também pelos próprios sujeitos dessas regiões que reproduzem o discurso da assimetria e da desvalorização regional. Sobre as reproduções dos discursos que sustentam essa assimetria regional, podemos observá-las nos dizeres do humorista carioca, Fábio Porchat e do comediante tocantinense Paulo Vieira no quadro “Que história é essa, Porchat?”, produzido pelo canal GNT em três de outubro de 2019.

## Paulo Vieira – Que história é essa, Porchat?



**Figura 2** - imagens do vídeo da GNT – Que História é essa, Porchat? Da direita para a esquerda, Fábio Porchat (apresentador), Paulo Vieira, Danielle Winits e Tony Ramos (convidados)<sup>5</sup>

Fábio Porchat: — Posso dizer que hoje é pra quem tem coração forte, minha gente. É chegado o grande dia. O dia do grande encontro. Os humilhados serão exaltados... A Tieta brasileira está aqui. Meu amigo de fé, meu irmão camarada. Uma das pessoas mais divertidas que eu conheço, um comediante incrível. Paulo Vieira! (aplausos da plateia) Gostou... A nossa Tieta, minha gente... Que maravilhoso. Olha que grande encontro. Olha... Paulo Vieira...

Paulo Vieira: — Que rolê aleatório!

Fábio Porchat: — Vo... Você diria assim... De frente com Tony Ramos, nos estúdios Globo... Você chegou lá?

Paulo Vieira: — Não... O Tocantins hoje tá pedindo agora a independência do Brasil, né? (sorrisos da plateia e dos convidados de honra). Não só tá na frente do Tony Ramos, talvez seja a pessoa com o nome sujo que chegou mais perto dele (sorrisos sarcástico de Porchat)... Como é tá aqui na Globo ostentando... Na falta de uma camisa nova, botei logo três.

No início, o carioca Fábio Porchat profere dizeres de exaltação afirmando que no quadro do programa aconteceria um evento de grande importância, como podemos perceber no enunciado “Posso dizer que hoje é pra quem tem coração forte, minha gente. É chegado o grande dia. O dia do grande encontro”. Mais adiante com os dizeres “Os humilhados serão exaltados... A Tieta brasileira está aqui. Meu amigo de fé, meu irmão camarada”, Fábio Porchat (re)produz sentidos de revanchismo ao utilizar: a) o sintagma “Tieta”, personagem da novela de mesmo nome, uma mulher humilhada, escorraçada de sua cidade natal e que, para alcançar prestígio, riqueza, fama e “dar a

<sup>5</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/gnt/videos/2265232507108123>

volta por cima”, teve que vir para o sudeste brasileiro, especificamente a cidade de São Paulo, para ser reconhecida; b) o pré-construído popular “os humilhados serão exaltados”, construção parafrástica de passagens bíblicas, (BÍBLIA, Ezequiel, 21:26): “Assim diz o Senhor Deus: Tire o turbante e a coroa. Não será a mesma; os humildes serão exaltados, e os exaltados serão humilhados”; e; c) o pré-construído com sentidos de sucesso, “Meu amigo de fé, meu irmão camarada” proveniente da música do cantor Roberto Carlos.

Diante desses três pré-construídos, podemos compreender como os efeitos enunciativos podem afetar sujeitos, deslocar sentidos e pôr em constante manutenção o discurso da assimetria regional se considerarmos o entrecruzamento espaço-temporal causado pelo movimento interdiscursivo o qual interliga as memórias discursivas que, por sua vez, estabelecem novos sentidos ao emergir no campo intradiscursivo de determinada FD e em condições de produção distintas. Em outras palavras, o movimento interdiscursivo é a dinâmica em que “diferentes discursos oriundos de diversos momentos na história e de diversos lugares sociais se entrecruzam na constituição de uma formação discursiva, porém com *um complexo* com dominantes” (PÊCHEUX, 2009, p. 118-119 apud SOARES, 2018b, itálico deste autor).

Nesse caso, os pré-construídos “Tieta”, “os humilhados serão exaltados” e “Meu amigo de fé, meu irmão camarada” revelam tanto a imagem que o interlocutor Fábio Porchat faz de si quanto a imagem que ele faz de Paulo Vieira. Dessa maneira, ao fazer um movimento interdiscursivo e investigar as memórias e os sentidos que permanecem no sintagma Tieta, percebemos que Porchat ao comparar a trajetória de sucesso emergente de Paulo Vieira à trajetória da personagem Tieta, acaba por entrecruzar memórias da personagem em questão, construindo uma representação narrativa de mesmo enredo com o auxílio do “processamento parafrástico do efeito metafórico” (SOARES, 2018b p. 117), mas com referencialidade e condições de produção distintas, interpelando Paulo Vieira em sujeito humilhado, escorraçado de sua cidade natal e que, para alcançar prestígio, riqueza, fama no campo humorístico, por também vir para o sudeste brasileiro, para ser reconhecido. Esse efeito metafórico atualiza-se referencialmente quando Porchat enfatiza que “A Tieta brasileira está aqui”, ou seja, em um processamento metafórico e parafrástico, “a história se repete e é real”, não é mais a Tieta do Agreste e sim Paulo Vieira do Tocantins. No entanto na atualização da referencialidade histórica, a regionalidade é também apagada (ORLANDI, 2007) pelo adjetivo pátrio “brasileira”, uma generalização que apaga o lugar de origem específico

do ator, o Tocantins. Não é “Tieta tocantinense”, é “Tieta brasileira”, e não é Tieta do norte, é “a nossa Tieta”, “forjada pelo progresso do sudeste brasileiro”, porquanto “o aqui” é preenchido semanticamente pelo sintagma estúdios Globo e pelo referencial imagético programa de plateia da GNT (figura 2).

Desse ponto, o tom discursivo que causa a assimetria regional, intelectual e social é abrandado com o pré-construído “Meu amigo de fé, meu irmão camarada” que traz à memória social atual efeitos de sucesso, por se tratar da música do cantor Roberto Carlos, considerado o rei da canção brasileira e que exalta a importância de se ter um amigo para todos os momentos. Ao mesmo tempo que abranda, Porchat profere tal dizer causando efeito de aproximação entre ele e Roberto Carlos, colocando-o na relação discursiva em posição de prestígio por um “poder-parecer” o cantor. Esses sentidos também são reforçados pela oração “Uma das pessoas mais divertidas que eu conheço, um comediante incrível. Paulo Vieira!” Porchat conhece muitos humoristas e ao proferir “uma das pessoas mais divertidas que eu conheço”, coloca-se na posição de autoridade para identificar humoristas talentosos. Essa tensão entre a estabilização e o deslocamento que produz a atualização dos já-ditos, ora provocando a assimetria pelo distanciamento regional, cultural e intelectual, ora regulando as posições simétricas de cada sujeito com enunciados elogiosos e afagos profissionais, também trabalha na manutenção das relações de força e contribuem para a difusão do discurso da supremacia.

Essas relações de força, nos enunciados de Porchat e do próprio Paulo Vieira ficam explícitas a partir dos seguintes dizeres: “Vo... Você diria assim... De frente com Tony Ramos, nos estúdios Globo... Você chegou lá?”. Dado enunciado carrega em sua estrutura semântica, sentidos de sucesso (SOARES, 2018a) engendrados nos sintagmas preposicionados “De frente com Tony Ramos” e “nos estúdios Globo...”. No efeito do primeiro sintagma, temos um sentido trabalhando na produção de efeitos de privilégio, pois subentende-se que não é qualquer sujeito que tem a prerrogativa de ficar de frente com um ator famoso e de entrar “nos estúdios da Globo”. Quanto a esse referente espacial, ele também carrega consigo efeitos de prestígio e de vantagem, porque não é qualquer lugar, não é qualquer estúdio, faz parte do conglomerado do Grupo Globo, o maior centro de produção audiovisual da América Latina e que está no ar desde 1995. Portanto, Paulo Vieira não só está de frente com uma referência de sucesso como também está em um espaço restrito e participa do programa como convidado especial.

Das considerações feitas, incluindo as condições específicas de produção discursiva de Porchat e Paulo Vieira, notamos que o pré-construído “Você chegou lá?” produz o efeito subjetivo de anterioridade (HENRY, 1990), remetendo a uma constituição precedente, fora do campo da formulação e independente ao que é enunciado na produção intradiscursiva (PÊCHEUX, 2014). E essa independência, somada à emergência de enunciados que atravessam e se interrelacionam com as condições específicas de produção, no caso o encontro de celebridades e emergentes em espaço de prestígio, “nos estúdios da Globo”, ambas constituem os sentidos que provocam o efeito de assimetria regional na pergunta de Fábio Porchat, pois o campo midiático e os discursos de sucesso e de autoajuda, “ambos regulados pelos seus respectivos mercados” (SOARES, 2018a, p. 169), trabalham em sentidos que só podem ser percebidos através da busca de pressuposições e de subentendidos.

Quando se analisa o efeito subjetivo de anterioridade em “você chegou lá?”, existe um sujeito que exerce uma determinada ação de atingir uma dada trajetória. Igualmente que esse “lá” é o lugar de destaque, o objetivo, o lugar do prestígio profissional, pois Paulo Vieira, como humorista, almeja ser reconhecido por seus pares. Se Paulo Vieira é questionado sobre sua tentativa de alcançar a posição de prestígio profissional por Fábio Porchat. Logo, é possível depreender que o próprio Porchat, mesmo que de maneira aparentemente retórica, tem a intenção de provocar efeitos de dúvida quanto ao alcance da trajetória profissional de Paulo Vieira.

Nessa perspectiva, a afirmação do humorista tocantinense confirma a impossibilidade dessa obtenção de conquista ao construir, através do humor, a imagem de si, relacionada à imagem do atraso, da pobreza, da assimetria socioeconômica, da exceção intelectual, da subordinação e da submissão cultural, posta e pressuposta (DUCROT, 1987) em sua responsividade enunciativa: “Não... O Tocantins hoje tá pedindo agora a independência do Brasil, né? Não só tá na frente do Tony Ramos, talvez seja a pessoa com o nome sujo que chegou mais perto dele”.

Inicialmente, no trecho “Não... O Tocantins hoje tá pedindo agora a independência do Brasil, né?”, há um advérbio de negação que, em um tom enfático, seguido por reticências que reforçam os efeitos de certeza por uma pausa mais longa, confirma sua trajetória incompleta de sucesso. O sintagma “O Tocantins”, juntamente com um advérbio de tempo “hoje”, além de situar o lugar de origem do sujeito Paulo Vieira, indica uma condição atual de submissão e de apagamento causada pelos efeitos da expressão “pedir agora a independência do Brasil”, a qual mobiliza memórias

discursivas, metaforizando a condição histórica do Brasil Colônia e sua dependência em relação a Portugal. A dependência na qual o Tocantins se encontra não é representada pelas condições territoriais, mas culturais, intelectuais, especificamente humorística, devido às condições específicas de enunciação, isto é, sujeito humorista, buscando um espaço onde possa ser reconhecido, obter a identidade humorística e emancipar-se profissionalmente.

Essa posição identitária é bem delineada nos dizeres de Paulo Vieira ao afirmar que “Não só tá na frente do Tony Ramos, talvez seja a pessoa com o nome sujo que chegou mais perto dele”. Nesse recorte, observamos os efeitos de distanciamento socioeconômico e artístico nos sintagmas “nome sujo” e “mais perto dele”. Ao escolher a expressão “nome sujo”, Paulo Vieira faz emergir memórias discursivas que englobam as dificuldades financeiras e que por ser a pessoa com nome sujo que chegou mais perto de uma “celebridade Global” (Tony Ramos, sujeito rico), passa a ser sujeito de prestígio. Assim, ele projeta sua imagem como sendo a de um sujeito pobre e devedor e, conseqüentemente, apresenta o Tocantins não pelo que ele tem, mas pela falta do que possui.

### **Considerações finais**

A partir da análise dos dizeres veiculados pelos vídeo “Promovido” e na entrevista com Paulo Vieira denominada “Paulo Vieira – Que história É Essa, Porchat?”, percebemos que a imagem que Paulo Vieira faz de si e do Tocantins está ligada ao discurso colonialista que prega a inferioridade dos povos colonizados. Nessa dinâmica metafórica, humoristas que não saíram da região sudeste do país estão posicionados discursivamente no lugar da emergência, seja ela intelectual, cultural ou socioeconômica. Há nesse aspecto, o apagamento do sujeito tocaninense, rico nos costumes, na culinária, na música e em vários outros aspectos geográficos e ambientais que não são mencionados pelo humorista Paulo Vieira e que não fazem parte da rede de sentidos que poderia projetar a imagem do tocaninense e do Tocantins no discurso. Ao contrário, a exaltação da falta e do vazio intelectual e cultural são os aspectos que o sujeito comediantes escolhe para projetar como imagem de si e de seu lugar de origem.

Por meio da derrisão de elementos estereotipados inseridos na cadeia discursiva sobre o norte, podemos encontrar dizeres como o “bando de índio”, “o lugar que só tem mato”, “o nortista não vive na cidade, mas em aldeias”, “o norte ainda vive a pré-história por estar cheio de dinossauro (referência ao estado do Acre)” etc., percebemos o

grande preenchimento de silêncio nas manifestações discursivas de cume sulista que tomam o norte como lugar-colônia, o espaço do atraso e da emergência intelectual. Esses aspectos podem ser percebidos em diversas produções midiáticas. No Programa do Porchat, local no qual os dizeres do comediante Paulo Vieira, através do humor, projetam a construção da imagem do sujeito do norte, de modo que a produção de apagamentos é mais intensa por responder às demandas sociais de outras regiões.

Dentre vários pontos analisados, podemos compreender em vários recortes da esquete e da entrevista com Porchat (os quais não puderam ser selecionados pela limitação desta modalidade de produção acadêmica) que a visibilidade que é dada pelo Tocantins é pelo próprio apagamento do estado em nível nacional. Com esses aspectos em apreciação e levando em conta não a personagem, mas os elementos discursivos arregimentados pela sua representação enunciativo-discursiva, é lícito afirmar que não é uma escolha aleatória o fato de um ator tocantinense despontar em uma esquete como “o subalterno ignorante”. Pelo contrário, no funcionamento do discurso sobre o norte é projetada a imagem que o sulista faz do nortista. Isto é, Maurício representa o sujeito dessa região por não conseguir minimamente compreender a linguagem que seu chefe utiliza, cheia de eufemismos, suavizações, ou seja, recursos linguísticos os quais não fazem parte da formação discursiva do personagem.

Nos discursos sobre o norte, especificamente sobre o Tocantins, não se fala do norte nem mesmo pelo que ele possui em abundância, parques estaduais, como os do Jalapão, do Cantão e de Lajeado, rios e lagos; reservas florestais, ou as chamadas Unidades de Proteção Integral; as reservas indígenas como as Apinajé, Avá-Canoeiros, Akwê Xerente, Iny (Javaé), Iny (Karajá), Iny (Xambioá), Krahô, Krahô-Canela e Pankarary; parte remanescente dos quilombolas no Barra do Aroeira, Malhadinha, Lagoa da Pedra, Chapada da Natividade, Azuis, o menor rio do mundo, a rica fauna e flora, a multiplicidade de biomas, assim como parte da Amazônia Legal, sem mencionar a culinária, como o chambari, o biscoito amor perfeito, o peixe enrolado na folha de bananeira e que são integrantes da cultura e da região nortista que, por sua vez, guardam riquezas antropológicas e fazem parte da história do Brasil.

Por essas razões e pela relevância social, incentivamos a continuidade de estudos que possam oferecer uma análise mais acurada de determinados acontecimentos discursivos, bem como o agenciamento de pesquisas sobre a cadeia discursiva que projeta o norte como o lugar da falta, que apresenta as regiões nortistas pelo apagamento (daquilo que elas têm em abundância). Igualmente, faz-se necessário o

desenvolvimento de pesquisas sobre os efeitos de sucesso e seu entrelaçamento com outros efeitos de silenciamento, sobretudo, no funcionamento dos discursos midiáticos, pois ao analisar tais processos nesse campo social, é possível melhor compreender entre a estrutura e o acontecimento, funcionamentos da produção do sucesso e de apagamento como uma força discursiva que diligencia a divisão de classes por interpelação regional, e do apagamento das características do povo nortista, através de projeções distorcidas pelas vias da derrisão, lugar que poderia apresentar-se como o espaço de dissipação dessas assimetrias.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BÍBLIA, A. T. Ezequiel. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Trad. José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Socialismo como antonímia do sucesso: os efeitos de sucesso no pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro na ONU. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.36, jul./dez.2020, p. 122-143.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**, tradução de Angela M. S. Corrêa – São Paulo, Contexto, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio**. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Loyola, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: François Gadet, Tony Hak (Org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]**; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). *In*: François Gadet, Tony Hak (Org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-235.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

ORLANDI, Eni P. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discurso do Sucesso**: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil Contemporâneo; Universidade Federal de São Carlos UFSCar, Estudos Linguísticos, 45 (3): p. 1082-1091, 2016, São Carlos. São Paulo.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discursos do sucesso**: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017.

SOARES, T. B. Sucesso: discursos contemporâneos de capitalização dos sujeitos. *In*: SOARES, T. B (org.) **Múltiplas perspectivas em Análise do Discurso**: objetos variados – São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas – SP: Pontes Editores, 2018b.

Submetido em: 12/07/2021.

Aprovado em: 07/09/2021.

### Como referenciar este artigo:

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discurso sobre o norte: a representação da imagem tocantinense em Paulo Vieira. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Norte em análise: discursividades. 2021, p. X-X.